

Matéria profusa

Apresentação do dossiê *O que carrega o sangue?*

Ana Claudia Marques¹
Universidade de São Paulo

“Blood is thicker than water” [o sangue é mais denso/grosso/espesso do que a água] é um antigo provérbio inglês, popularmente usado para expressar a prevalência dos laços familiares sobre outros tipos de vínculos entre as pessoas. Através desse provérbio, Schneider sintetiza os argumentos desenvolvidos em suas duas obras principais, *American Kinship: a cultural account* (1968) e *A critique of the study of kinship* (1984). No primeiro livro, com base nos dados colhidos das entrevistas que realizou em diferentes segmentos da população americana, Schneider distingue o sangue como um símbolo fundamental de um sistema cultural, mediante o qual o parentesco se define como uma relação de identidade e de substância biogenética entre pessoas. Nesse sistema, a relação de sangue é culturalmente definida como um fato objetivo da natureza. Isso não significa que apenas os consanguíneos sejam parentes entre si, pois também o casamento gera parentesco (o amor é outro dos símbolos fundamentais daquele sistema). Contudo, os laços de sangue estabelecem parentesco de certa ordem, natural, em referência à qual o parentesco por código, ordem da lei, se define. Essa sorte de prevalência do sangue nas concepções americanas sobre o parentesco é também verificada, segundo Schneider, nos estudos de Parentesco na antropologia. Ao se debruçarem sobre outros sistemas culturais, antropólogos de todas as linhagens da disciplina não lograram se desvencilhar de suas ideologias nativas,

MARQUES, Ana Cláudia. **Matéria profusa: apresentação ao dossiê *O que carrega o sangue?*** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7 (14): 31-36, maio a agosto de 2020. ISSN: 2358-5587

¹ Professora Associada ao Departamento de Antropologia, ao curso de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. É coordenadora do Hybris, Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades e coordenadora também do Nuap, Núcleo de Antropologia da Política. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), com pós-doutorado na University of Edinburgh (2013).

imbuídas desse mesmo pressuposto. A própria presunção de existência de sistemas de parentesco em outras culturas não passaria de uma projeção sobre o outro das ideias dos antropólogos. Em *A critique of the study of kinship*, o provérbio condensa, portanto, uma denúncia de etnocentrismo.

A antropologia tem absorvido produtivamente essa Crítica, ao longo das décadas que se seguem. A proposição de que o Parentesco integra um sistema cultural específico convida à revisão de sua suposta universalidade: tal sistema estaria presente em todas as culturas? Onde quer que ocorra, como se configura? Se a distinção entre ordem natural e ordem da lei é intrínseca aos sistemas de parentesco, o conceito se aplicaria caso tal divisão não fosse observada? A categorização dos parentes nos vários sistemas terminológicos ou as regras de casamento assentariam necessariamente em alguma divisão correspondente? Afinal, a Crítica não se dirige a uma especialidade disciplinar qualquer, mas a um domínio de conhecimentos que singulariza a antropologia entre outras ciências humanas e fundamenta suas concepções de humanidade. O parentesco ofereceu à disciplina um campo essencial de especulação da síntese entre natureza e cultura. Ao mesmo tempo, as proposições de Schneider se somam a outros movimentos críticos da antropologia que deram ensejo a múltiplos desdobramentos, que extrapolam qualquer especialidade particular.

Nesse contexto crítico, o questionamento em torno do sangue abre vias para a explicitação dos pressupostos dos antropólogos na sua produção de conhecimento sobre o outro e, por conseguinte, sobre sua própria cultura e sociedade. Se o sangue é um símbolo central do sistema de parentesco americano e, por extensão, ocidental, a exploração de seus significados evidencia diferenciações nos modos de entendimento, nossos e outros. Os rendimentos potenciais dessa inquirição são tão mais elevados em virtude de uma excepcional extensão metafórica dessa substância, em que se projetam ideias não redutíveis a um domínio único, do parentesco ou qualquer outro. De sorte que as experimentações analíticas com o sangue são tão reveladoras de um subsistema simbólico cultural específico quanto de suas conexões a tantos outros. A fluidez substantiva do sangue se estende, por assim dizer, sobre os domínios do conhecimento antropológico, assim como de outros saberes, ao por em suspensão as dicotomias e divisões por meio das quais nos habituamos a elaborar a experiência social da vida.

Assim, Juliana Caruso e Marisol Marini aludem ao todo e às partes, e a partes de partes, do sangue, em diálogos com a biomedicina que revelam contaminações das ciências pelas propriedades materiais e simbólicas dessa substância. Hereditabilidade e identidade são velhas ideias coladas à consanguinidade e deslocadas para genética, que encorajam cientistas à hipótese de um ancestral apical, mais especificamente um tropeiro, de toda uma parcela de população brasileira portadora de certa variante genética patogênica. A elevada ocorrência da síndrome de Li-Fraumeni em certa porção das regiões Sul e Sudeste brasileira sugere, e no limite gera, aos interlocutores de Caruso, médicos, cientistas e pacientes, um parentesco entre os portadores do gene. Além de uma verdade causal patogênica, o gene supõe e estimula relacionais parentais. Caruso questiona se nanopartículas podem ser consideradas substância. Transformações metafóricas ou metonímicas do sangue? O código genético parece condensar, de forma purificada, certas características específicas do sangue. Ao mesmo tempo que inadvertidamente nele reverberam qualidades simbólicas que transpõem os limites da ciência e tecnologia.

No ensejo de reproduzir o bombeamento e a circulação sanguínea através de um coração artificial, os cientistas junto a quem Marini realizou sua pesquisa procedem a incessantes decupagens do sangue, de modo a isolar seus componentes e características materiais. Através desses procedimentos, eles enfrentam o desafio de emular e restaurar uma totalidade orgânica, comprometida no órgão original (nativo), que resiste em resultar da soma das partes. Qualidades e propriedades do sangue, dinâmica de circulação e bombeamento mobilizam procedimentos de tradução científica, por via de novas decomposições físico-químicas e de modelos de comportamento dos fluidos. Procedimentos, Marini sugere, informados por imaginações esotéricas que também se precipitam nos experimentos laboratoriais. Oposição entre cérebro e coração transmutada em frieza e calor e em marcadores de gênero; analogia entre sistemas circulatório e hidráulico, economia libidinal do inconsciente, economia política da democracia; insuspeitas racionalidades humano-não-humano. No trabalho de Marini, quanto mais se decompõe a matéria, mais abundam os signos.

A analogia entre água e sangue e entre os corpos humanos e o corpo cósmico da Mãe universal se faz explícita, assim como a comunicação, ou antes continuidade, entre eles, na etnografia de Horta a respeito dos Iku, habitantes da Serra Nevada de Santa Marta, na Colômbia. Manifestações e materializações do pensamento da Mãe universal, essas substâncias, se assim se pode designá-las, se relacionam, alimentam e transformam enquanto potências vitais de corpos indivisos, porém não individuais, nem indiferenciados. Para os Iku, corpo e território são interdependentes, pois se constituem de relações (e, portanto, não as precedem), sujeitos às mesmas ou análogas afecções, atuantes uns sobre os outros. Água e sangue conferem vitalidade aos corpos cósmico e humanos, mas desde que “alimentados” pelos “trabalhos tradicionais” nessa existência Iku tendente ao caos, intrinsecamente instável. Nessa cosmologia, a fluidez menos opera uma transmissão de propriedades imutáveis do que canaliza substancializações contínuas.

De resto, nas populações indígenas representadas nesta coletânea, o sangue não é identificado a um componente imutável dos corpos e das pessoas, noções estas irreduzíveis, por sua vez, a de indivíduos. O açúcar e a pressão arterial são as partes do sangue sobre as quais Sandra Carolina Portela Garcia se detém, interpondo os Kaingang da Terra Indígena Xapecó, no diálogo com a biomedicina. Para eles, a diabetes e a hipertensão sinalizam o enfraquecimento de seus corpos-espíritos em virtude da ingestão alimentar imprópria, de produtos dos brancos. Aos corpos Kaingang convêm suas comidas tradicionais, fortes por definição. Sua vitalidade é também dependente, conforme mostra Portela Garcia, de seu compartilhamento recíproco e dos cuidados destinados aos espíritos. Do ponto de vista das pessoas acometidas pela diabetes, sua enfermidade decorre do consumo de substâncias muito específicas, como o vinho e o café instantâneo, e sua cura – para eles possível – não resulta da ingestão dos remédios convencionais dos brancos. A experiência colonial interrompe de muitas formas os fluxos de reciprocidade indispensáveis à boa saúde. O açúcar acumulado no sangue, a exemplo de outras doenças, inexistentes antes do contato, traduziria potências e intencionalidades ocultas de certos dons, causadoras de danos, de maneira análoga à bruxaria. Nos “remédios del monte” tradicionais, rezas e benzimentos, os Kaingang buscam os antídotos a essas manifestações venenosas da experiência colonial.

Para os Mbya, o sangue ele mesmo é parte, no sentido de que essa substância compõe um corpo, que por sua vez compõe a pessoa, assim como sua porção divina (*nh'e*) e sua porção telúrica (*angue*). Em seu artigo, Luna Mendes mostra como cada um desses componentes comportam diferentes aspectos, se definem

por múltiplas afecções e, nessas condições, interferem uns nos outros. De suas descrições novamente emerge uma indissociabilidade entre corpo, espírito e território apontada entre os Iku e os Kaingang. Na sociocosmologia Mbya-Guarani, o sangue é uma substância dotada de qualidades sensíveis e invisíveis, manifestas e ocultas, que afetam e são afetadas, ativam e são ativadas. Nos encontros com pensamentos, alimentos e toda sorte de entes que povoam o mundo, o sangue se altera em suas potências, transforma, incorpora perspectivas. Assim, mesmo a consanguinidade é menos transmitida do que feita ou ativada – entre esposos, por exemplo, que misturam seus sangues nas trocas de fluidos corporais e comensalidade – e desfeita ou eclipsada – nas transformações corporais, espirituais, territoriais, ontológicas. Através das práticas e concepções relacionadas à menstruação, gravidez e parto, Mendes desvela toda uma economia de alteridade que compreende prescrições e restrições intercedentes sobre múltiplas agências, do sangue entre tantas outras substâncias, forças e seres.

Tanto dentro quanto fora do corpo, o sangue é exigente de cuidados em razão daquilo que porta ou é capaz de carregar e fazer circular entre os corpos. Essa proposição se segue à reflexão de Luna Mendes e de Juliana Campos a respeito do sangramento menstrual entre os Mbya e os ciganos Calon de Minas Gerais, respectivamente. Se os diferentes significados culturais associados ao sangue encorajam um questionamento da pertinência universal da dicotomia entre natureza e cultura, ao mesmo tempo convidam os analistas a interrogarem-se a respeito das configurações de gênero projetadas nessa substância. Somente as mulheres experimentam uma perda significativa de sangue regularmente durante uma parte importante de sua existência, em geral apenas suspensa durante suas gestações e retomadas desde o parto. A partir do exame de diferentes fontes etnográficas dos Mbya, Mendes se depara com dimensões femininas da experiência – que se estende ao pensamento de um modo bastante específico, nesse caso – que permitem à autora rediscutir entendimentos mais ou menos arraigados na etnologia dos Guarani concernentes à concepção, produção de corpos e pessoas, além de toda uma série de atributos, potências e modos de participação das mulheres nesse universo em devir, muitas vezes negligenciados ou obscurecidos nas etnografias.

O sangue menstrual explicita presenças materiais e imateriais com as quais as pessoas se compõem, favorável ou desfavoravelmente. Entre os Calon de Minas Gerais e alhures, essa substância materializa a sujeira e o perigo, qualidades negativas associadas, também, ao feitiço e às partes baixas do corpo. Tais atributos se estendem ao feminino e ao polo negativo de um complexo de oposições epitomizado no par de noções “honra” e “vergonha” que, de muitas formas orienta as condutas e modos de vida ciganos. Conforme observa Campos, esses conceitos inter-relacionados nem sempre denotam contraposição. A vergonha tanto pode corresponder, tal como a honra, a ideias e valores positivos evocados na pureza e limpeza, quanto na sua perda, no perigo, na sujeira, na perda da honra. Ambos possuem, também, dimensões tangíveis e intangíveis, que se evidenciam particularmente no exame dos significados atribuídos ao sangue menstrual e a uma substância que com ele não se confunde: esse fluido que se segue ao defloramento ao qual os Calon designam ‘honra’. Vertidas, as duas substâncias femininas conferem às mulheres poderes de atingir outras pessoas, inclusive homens, provocando-lhes danos ou proporcionando-lhes ‘valor’. Novamente vem à tona e à discussão a correlação de gênero persistente com as dimensões ativa e passiva da existência social.

Discussão que esbarra nos mais profundos sentidos e sentimentos morais quando transposta nos termos e relações entre agressor e vítima, conforme figuram no trabalho de Natã Lima e Raquel Wiggers sobre ocorrência de abuso sexual intrafamiliar no Amazonas. Nas narrativas descritivas de casos considerados emblemáticos, chefes de família em situação de iminente perda de autoridade sobre seu grupo doméstico são autores dos estupros de filhos ou netos não consanguíneos. A esses episódios de imediato disruptivos costuma seguir-se um movimento de recomposição familiar, que presume a colaboração dos vários membros da família para prevenir que o autor responda criminalmente pelos seus atos e culmina na consolidação de seu status. A análise dos autores é sugestiva de que esses ataques sexuais não são dirigidos aleatoriamente a qualquer pessoa da família, mas aqueles com quem os vínculos do agressor são mediados por sua esposa. Mais surpreendente, a aproximação do abuso sexual ao incesto teria por efeito uma substancialização do laço familiar.

Fluida, passível de contaminação, essa substância conjuga heterogeneidades de várias ordens. O sangue contrapõe à hereditariedade e à identidade as transformações contínuas, o ser em devir; atravessa limites classificatórios, aglomera heterogeneidades, dissolve normatividades. A partir da interrogação do que carrega o sangue, os textos reunidos neste dossiê escrutinam e questionam entendimentos implicados em nossas e outras noções sobre corpo, espírito, conhecimento, ciência, gênero, moralidades, saúde, violência, alimento, veneno, remédio, agências visíveis e invisíveis... A lista parece inesgotável porque reflete, não casualmente, a fertilidade e potencialidade desses estudos, atributos comuns à matéria e ao pensamento, em muitos sentidos transportados pelo sangue.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

EPISTEMOLOGIAS, METODOLOGIAS E QUESTÕES ÉTICAS EM PESQUISAS COM ABORDAGENS EM DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO

(v. 8, n. 16, 2021)

COORDENADORXS:

ESTEVÃO FERNANDES (UNIR, PPGAS/UFMT)

MARIANE PISANI (UFT)

MOISÉS LOPES (PPGAS/UFMT)

SIMONE DE OLIVEIRA MESTRE (UNIFAL-MG, PPGS/UFMG)

VOLUME 8
NÚMERO 16
(JAN./ABR. 2021)

Este dossiê busca congregar pesquisas e reflexões em torno das diversidades sexuais e de gênero, com especial foco nos debates a respeito de outras possibilidades de desenvolvimento de investigações que problematizem o ponto de vista teórico-metodológico e ético constituído a partir da história colonial do Ocidente. Neste sentido, buscamos contribuições que dialoguem com os estudos feministas, LGBTs, com as leituras pós-coloniais, teoria queer e/ou tomem como ponto de discussão as epistemologias, metodologias e questões éticas que envolvam pesquisas com abordagem em diversidades sexuais e de gênero. Muito já se tem escrito sobre a necessidade de descolonizar essas abordagens, seja a partir de uma “epistemologia cucaracha” de uma “teoria cú” (PELÚCIO, 2014); do “queer decolonial” (PEREIRA, 2015); do “queer caboclo” (FERNANDES e GONTIJO, 2016) ou mesmo das discussões que envolvem o feminismo decolonial (GONZALEZ, 1988; LUGONES, 2008; SEGATO, 2013): todas essas reflexões se tornaram relevantes e fundamentais para compreensão das questões que envolvem as diversidades sexuais e de gênero no chamado Sul Global. Desse modo, neste dossiê, buscamos provocar diálogos que rompam com uma visão heterocentrada, falocêntrica, metropolitana, normativa e colonizadora das diversidades sexuais e de gênero com o intuito de tensionar as produções desenvolvidas a partir das realidades brasileiras e latino-americanas, buscando uma ampliação crítica e perturbadora do status quo dessas investigações. Assim, a partir desses pressupostos e debates/embates, acolheremos contribuições que possibilitem tanto a exploração de temas e problemas já consolidados pelo campo de estudos sobre diversidades sexuais e de gênero quanto - e principalmente - sua ampliação.

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JANEIRO
DE 2021

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

16